

■ OPINIÃO

EDITORIAL

O otimismo volta ao cenário econômico

Economia
Brasil

Governo, empresários, economistas e analistas já começaram a refazer suas estimativas de crescimento da economia brasileira neste ano, à luz dos dados estatísticos animadores divulgados no decorrer da última quinzena. Da produção industrial às vendas do comércio varejista, do mercado de trabalho ao desempenho da indústria automotiva — sem contar a robustez do agronegócio e os superávits recordes da balança comercial —, os indicadores confirmam a reativação da atividade econômica.

O ritmo dessa retomada ainda não é o do prometido “espetáculo do crescimento”, mas já se torna perceptível que um humor menos pessimista permeia a sociedade brasileira, embalada pelo sentimento de que o pior já passou. Do lado governamental, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, já se alinha ao seu colega do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, e refaz para cima sua previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Em entrevista ao diário econômico inglês *Financial Times*, publicada sexta-feira, Palocci mostrou-

se mais otimista do que tem declarado à imprensa brasileira. Ele já considera que a expansão econômica neste ano será de 4%, e não mais de 3,5% como projetado anteriormente.

Em encontro com empresários na Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), o ministro disse que o País já atravessa o quarto trimestre consecutivo de retomada do crescimento. Palocci comemorou os dados macroeconômicos mais recentes, destacando o indicador de emprego da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Conforme a Fiesp, junho registrou o melhor índice de contratação dos últimos dez anos.

Por sua vez, a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) elevou, de US\$ 23,4 bilhões para 31,1 bilhões, sua previsão de superávit na balança comercial. Se esse resultado se confirmar, o saldo comercial representará crescimento de 25,1% na

comparação com os US\$ 24,8 bilhões registrados em 2003.

Para a AEB, as exportações somarão US\$ 90,7 bilhões, num salto de 24% em relação aos US\$ 73,1 bilhões contabilizados no ano passado. As importações, acredita a entidade, crescerão 23,5%, passando de US\$ 48,3 bilhões em 2003 para US\$ 59,6 bilhões neste ano.

Convém ressaltar que na nova estimativa da AEB as vendas externas de produtos manufaturados fecharão o ano com crescimento de 28%.

A previsão anterior da entidade para os manufaturados era de expansão de apenas 3,9% no valor das exportações.

Segundo a AEB, a revisão das projeções se deveu ao desempenho das exportações acima do esperado no primeiro semestre, em decorrência da elevação dos preços das commodities agrícolas e da lenta reação do mercado interno, que forçou as empresas a

expandir suas vendas no mercado externo. Convém lembrar que no primeiro semestre o País exportou mercadorias e serviços no valor de US\$ 43,306 bilhões, em comparação com US\$ 33,0 bilhões no mesmo período do ano passado.

A firme expansão das exportações e a extraordinária performance do agronegócio têm sido o sustentáculo da reativação da economia. Contudo, o mercado interno também já mostra aquecimento. Por exemplo, em junho a indústria automotiva vendeu 130,7 mil veículos, número 30% maior do que o registrado em maio. O setor fechou o semestre contabilizando 723,1 mil unidades vendidas, um aumento de 11,4% em relação ao mesmo período do ano passado e recorde desde o ano 2001.

Mas não é somente este segmento a apresentar maior volume de vendas. Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que o volume nacional de vendas do varejo aumentou 10% no mês de maio, em relação ao mesmo período de 2003.

Foi o sexto mês consecutivo de crescimento, resultando em altas de 8,48% neste ano e de 1,8% no acumulado de 12 meses. O aquecimento reflete principalmente o aumento da oferta de empregos e de crédito. São consumidores que voltam ao mercado ou reforçam a sua capacidade de compra.

De fato, segundo o Ministério do Trabalho no primeiro semestre foram criados 1,03 milhão de empregos formais no País, o que leva o titular da pasta, Ricardo Berzoini, a também revisar a previsão de geração de empregos, de 1,3 milhão para 1,8 milhão de vagas. Pela primeira vez no ano, em maio a taxa de desemprego caiu na Região Metropolitana de São Paulo, segundo a pesquisa Dieese/Seade. Em junho, de acordo com a Fiesp, a indústria paulista contratou 12 mil trabalhadores e, com isso, elevou o total do semestre para 60 mil vagas, uma expansão de 19,97% na comparação com a primeira metade de 2003.